

Marco Antonio Martins *

O CLÍTICO *SE* EM FLORIANÓPOLIS: UMA ANÁLISE DA ALTERNÂNCIA ÊNCLISE/PRÓCLISE NUMA AMOSTRA (SÓCIO-GEO) LINGÜÍSTICA

(The Clitic *Se* in Florianópolis: an analysis of the Enclisis/Proclisis Alternancy in a (socio-Geo) Linguistic Sample)

ABSTRACT

This text presents a study of the enclisis/proclisis alternancy of the clitic *SE* in transitive structures in a sample extracted from the corpus formalized by the Pilot Project (Socio-Geo) Linguistic Variation in Florianópolis. The results obtained suggest that, while the interpretation of reflexive *se* is associated to proclisis, the interpretation of indeterminate *se* is associated to enclisis. Social and linguistic variables, such as the type of verb and the speakers' age, seem to be related to the different interpretations.

Key-words: proclitic/reflexive *SE*; indeterminate/enclitic *SE*; linguistic change

RESUMO

Este texto apresenta um estudo da alternância ênclise/próclise do clítico *SE* em estruturas transitivas numa amostra extraída do corpus formalizado pelo Projeto Piloto Variação (Sócio-Geo) Lingüística em Florianópolis. De acordo com os resultados obtidos, parece que enquanto a interpretação do *SE* reflexivo está associada à próclise, a interpretação do *SE* indeterminado está associada à ênclise. Variáveis sociais e lingüísticas, tais como o tipo de verbo e a idade do falante, parecem estar correlacionadas às distintas interpretações.

Palavras-chave: *SE* próclítico/reflexivo; *SE* ênclítico/indeterminado; mudança lingüística.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo desdobra-se em duas (grandes) direções¹: (1) de um lado, apresentar o processo de constituição de um banco de dados: o *Projeto Piloto Variação (Sócio-Geo) Lingüística em Florianópolis*². A elaboração

* UFSC/CNPq

¹ Agradeço a Edair Maria Görski (UFSC) pela leitura cuidadosa e pelas sugestões pertinentes, assim como pelas discussões acerca das “coisas da sócio” ao longo dos meus estudos no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFSC. A responsabilidade pelo resultado final é, no entanto, apenas minha.

² Tal projeto, resultado de uma atividade de pesquisa desenvolvida coletivamente pelos participantes da disciplina *T.E. em Dialetoologia e Sociolingüística: metodologias de pesquisa*, do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), realizada no segundo semestre de 2005, tem como objetivo organizar um *corpus* que contemple os pressupostos teóricos e metodológicos da dialetoologia assim como da teoria da variação e mudança lingüística.

do projeto inclui as diversas etapas de constituição de um corpus lingüístico tais como a delimitação das variáveis (lingüísticas e sociais) a serem estudadas, a sistematização de instrumentos de coleta dos dados e de controle das variáveis, a definição do perfil dos informantes, o contato com os informantes e a realização das entrevistas, para além da transcrição e do tratamento dos dados; (2) de outro lado, apresentar a análise dos dados coletados, no que tange às construções transitivas com o clítico *SE*, em uma amostra extraída do referido banco de dados. Mais especificamente, procuramos testar a hipótese de que enquanto *SE enclítico* está preferencialmente associado a construções de indeterminação, *SE proclítico* está associado a construções reflexivas.

O estudo vem assim apresentado: faremos ainda nesta primeira seção (i) uma delimitação dos pressupostos teóricos que nortearam a elaboração do projeto e a análise dos dados, (ii) uma apresentação da metodologia de coleta e análise realizadas e ainda (iii) uma incursão aos dados analisados assim como ao processo de elaboração do *Projeto Piloto Variação (Sócio-Geo) Lingüística em Florianópolis*. Delinearemos na segunda seção a análise dos resultados em relação à interpretação atribuída pelos falantes florianopolitanos ao *SE* ora enclítico e ora proclítico em estruturas transitivas. Na terceira e última seção, resumimos os resultados obtidos, à guisa de conclusão.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A elaboração do *Projeto Piloto Variação (Sócio-Geo) Lingüística em Florianópolis* respaldou-se na assunção de que é possível (e aconselhável) realizar estudos variacionistas que aproximem a geolingüística e a sociolingüística variacionista.

Algumas palavras acerca de estudos que perpassem ambas as teorias devem ser ditas³. De acordo com Cardoso & Mota (2003, p. 38), “neste momento da história, é urgente que se enfrente a descrição da realidade lingüística brasileira no seu plano geográfico e o melhor caminho, para esse conhecimento de amplitude continental, parece ser o que propõe a Dialectologia”. A partir das palavras das autoras, e de um quadro de estudos sociolingüísticos já realizados nas diversas regiões do Brasil⁴, evidencia-se a necessidade de estudos cujo foco de interesse seja a delimitação e, sobretudo, a explicação (atreladas às diferenças diatópicas, diastráticas e diageracionais) dos vários dialetos do Brasil.

Ferreira & Cardoso (1994), quando descrevem a história dos estudos

³ E a ver se a Dialectologia e sociolingüística variacionista (esta entendida no âmbito da teoria da variação e mudança) são, de fato, teorias distintas, ou diferentes enfoques sobre um mesmo objeto de estudo: a variação lingüística.

⁴ Ver, entre outros, Ferreira & Cardoso (1994), Margotti (2004).

dialetais no Brasil, já apontam para o fato de que se faz necessário constituir um mapa lingüístico buscando descrever os diversos falares do nosso território, e que esse é um empreendimento que já rendeu muitos estudos acerca dos fenômenos da linguagem. No curso do tempo, e tendo em vista o grande avanço dos meios de comunicação no presente século, somos levados a crer que, como evidenciam Cardoso & Mota (2003), é chegado o momento de correlacionar os muitos resultados já descritos pelos estudos sociolingüísticos em busca de uma descrição e, sobretudo, de explicações (históricas, geográficas etc.) para os diversos dialetos do Brasil.

Nas palavras de Margotti (2004),

há fortes indícios de que, na perspectiva histórica, o estágio de difusão do português em cada área de contato com o italiano [contato pesquisado pelo autor] está, em parte, correlacionado ao tempo e à quantidade de contato, tendo em vista a urbanização e a presença de português dentro de cada ponto (MARGOTTI, 2004, p.216).

Com base na asserção do autor, e nos resultados obtidos pela pesquisa por ele realizada, podemos observar que o cruzamento de uma análise (teórica e metodológica) dialetológica com uma análise sociolingüística variacionista tende a enriquecer sobremaneira as reflexões acerca dos fenômenos de variação e mudança lingüística nas línguas naturais. Tendo em vista que é a correlação de forças (variáveis) diversas (regionais, sociais, culturais, étnicas, históricas, entre muitas outras) que configuram a realidade lingüística de um determinado grupo de falantes.

Alguns pressupostos (basilares) da teoria da variação e mudança foram considerados na elaboração do *Projeto Piloto Variação (Sócio-Geo) Lingüística em Florianópolis*, tais como o conceito de *comunidade de fala*, as noções de *redes sociais* e *comunidades de práticas*, a seleção dos informantes e o planejamento da entrevista.

Uma noção clara de *comunidade de fala* está vinculada, de acordo com autores como Guy (2000, 2001), Patrick (2002) e Wardhaugh (2002), entre outros fatores, à participação (ou não) de um indivíduo num determinado grupo observada a partir do uso (ou não) de traços lingüísticos específicos e compartilhados por esse grupo⁵. Ou seja, uma das principais características de uma comunidade de fala é o compartilhamento de uma determinada expressão ou estrutura – fonética, morfológica, sintática etc.

Redes sociais e *comunidades de prática* são, respectivamente, os relacionamentos criados pelas pessoas para suprir as dificuldades da vida

⁵ Nas palavras de Wardhaugh (2002, p. 116), “a noção de grupo é definida por diversas razões: sociais, religiosas, políticas, culturais, familiares, vocacionais etc.”. Minha tradução.

cotidiana, que podem variar de um indivíduo para outro e ser constituídas por ligações de diferentes tipos e intensidades (MILROY, 2004) e conjuntos de pessoas em torno de um empreendimento particular, por exemplo, um grupo de adolescentes, da igreja, da escola, do trabalho etc. (ECKERT, 2000, *apud* MILROY, 2004). Para Chambers (1995), os elementos que enriquecem as redes sociais são basicamente os mesmos em todo o lugar, sejam eles, o grau de parentesco, a ocupação (ambiente de trabalho) e a amizade. Estudos como os de Milroy (2004) mostram que quanto mais integrado o sujeito está a uma rede, mais freqüentemente tende a usar variantes local-regionais.

De acordo com Altenhofen (2002), uma descrição mais segura da variação diatópica teria no mínimo o efeito beneplácito de apaciar a sensação de vácuo que, muitas vezes, acompanha as descrições pontuais. Segundo o autor, ainda, merecem destaque os seguintes questionamentos:

Como se configura o contexto geográfico do uso de determinada variante e qual a sua amplitude ou “representatividade geográfica” e seu poder de difusão no espaço? Qual a sua relação com as outras áreas e pontos em contato? Quais unidades podemos abstrair da variação? **A qual “variedade” se circunscreve o nosso [da geolinguística] objeto de estudo?** (ALTENHOFEN, 2002, p. 116). Meu grifo.

A partir dos questionamentos suscitados por Altenhofen, especialmente quando o autor se atém àqueles atrelados à “variedade” específica dos estudos dialetológicos, nos remetemos aos resultados obtidos nos estudos “verticalizados” no quadro teórico da sociolinguística variacionista em busca de um ponto de diálogo entre os objetivos de ambas as teorias. Se o objetivo mais geral dos estudos dialetológicos é a descrição (e explicação) da variação sob o enfoque da macro-análise no eixo da arealidade, assim como sob o enfoque da socialidade, um possível diálogo entre os resultados obtidos em estudos na esteira de ambos os quadros teóricos apenas enriqueceria as análises linguísticas. A descrição (como também a explicação, acredita-se) oferecida pelas análises pontuais da teoria da variação e mudança seria, seguramente, enriquecida com as análises cartográficas dos estudos dialetológicos.

2. METODOLOGIA

Para a elaboração do projeto cada aluno-pesquisador elegeu um aspecto linguístico (dividido em quatro módulos: Módulo I – fonético-fonológico; Módulo II – morfossintático; Módulo III – semântico-discursivo; Módulo IV – pragmático)

a ser incluído nas entrevistas para coleta dos dados⁶. Formalizou-se uma Ficha do Informante para o registro dos dados sociais, culturais e econômicos dos falantes selecionados⁷. A concepção do projeto, tanto em termos teóricos, quanto em seus aspectos metodológicos, é resultado de discussões de todos os membros do grupo envolvido. As discussões foram norteadas por leituras de textos acerca dos pressupostos de ambos os modelos teórico-metodológicos utilizados.

Dentro desse quadro, especialmente na esteira dos pressupostos da dialetologia, dir-se-ia que uma das preocupações centrais e primeiras dos estudos nessa linha de pesquisa seria mapear geograficamente, numa dimensão diatópica, um determinado dialeto⁸, ou uma variável lingüística qualquer. Foi esse o primeiro passo na elaboração do *Projeto Piloto Variação (Sócio-Geo) Lingüística em Florianópolis*: delimitou-se o espaço geográfico da cidade de Florianópolis (o que inclui a ilha e parte do continente); dividiram-se, então, de acordo com a disposição geográfica, dez localidades, numeradas do norte para o sul: 1. Ponta das Canas, 2. Ingleses, 3. Rio Vermelho, 4. Ratoles, 5. Monte Verde, 6. Estreito, 7. Centro, 8. Costeira, 9. Ribeirão da Ilha e 10. Pântano do Sul⁹.

Na seqüência, considerando o espaço geográfico a ser pesquisado e maior homogeneidade de parâmetros, decidiu-se que todos os informantes da amostra deveriam ter o seguinte perfil: (i) ter nascido e residido na mesma localidade até os 14 anos de idade; (ii) após os 14 anos, eventual residência fora da localidade não poderia ser superior a dois anos; (iii) ser filho de pais nativos do mesmo bairro ou arredores.

Sumarizando, e considerando a pouca disponibilidade de tempo e as condições técnicas para a realização da pesquisa piloto ora apresentada, foram controladas tão somente as seguintes variáveis sociais: (i) *Idade* (dimensão *diageracional*): de 15 a 25 anos (GI) e de 40 a 60 anos (GII); (ii) *Escolaridade* (dimensão *diatrática*, circunscrita à escolaridade): para os informantes GI,

⁶ Neste estudo, em específico, apresento uma análise de um fenômeno morfossintático a partir de uma amostra extraída do banco de dados do Projeto elaborado. Para estudos que contemplem fenômenos fonético-fonológicos e semântico-discursivos remeto a Margotti; Martins; Monguilhott & Rost (2006).

⁷ Os procedimentos de elaboração do questionário foram norteados, entre outros, pelo estudo de Amaral (2003).

⁸ O que se entende (ou se define) ora por língua e ora por dialeto nos estudos lingüísticos parte, por sua vez, quase sempre, de conceitos que fogem aos domínios estritamente lingüísticos (ver, entre muitos outros, CHAMBERS; TRUDGILL, 1980 e COSERIU 1982).

⁹ As localidades de Ponta das Canas, Ingleses, Rio Vermelho, Ratoles e Monte Verde ficam no norte da ilha; Estreito e Centro são localidades centrais, de modo que o Estreito está localizado na parte continental da cidade de Florianópolis; Costeira, Ribeirão da Ilha e Pântano do Sul estão geograficamente localizadas na parte sul da ilha de Santa Catarina.

escolaridade de 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) e de nível superior e, para os GII, escolaridade de 1º, 2º ciclos do Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries) e 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental ou de nível Médio; e (iii) *localidade* (dimensão *diatópica*), conforme os pontos já mencionados acima.

Seguindo a metodologia de pesquisa de campo delineada pela sociolinguística variacionista, conforme Labov (1972, 1978), e aquela preconizada pela geolinguística, conforme, entre outros, Ferreira & Cardoso (1994), as entrevistas foram realizadas pelos alunos-pesquisadores nas localidades já especificadas. Os alunos-pesquisadores foram instruídos para seguir o Questionário elaborado em grupo.

Em relação às questões voltadas à análise do clítico *SE* na fala de Florianópolis, durante a coleta dos dados, o informante deveria interpretar (a função de indeterminação ou reflexiva) de três seqüências pré-definidas (cf. especificado na seção a seguir).

3. A AMOSTRA

O foco de análise deste estudo em específico são as interpretações atribuídas por falantes florianopolitanos ao *SE* ora enclítico e ora proclítico em estruturas transitivas; nosso objetivo, como já mencionado, foi o de delinear evidências empíricas, a partir de um teste de atitude, para a hipótese de que enquanto *SE enclítico* está preferencialmente associado a construções de indeterminação, *SE proclítico* está associado a construções reflexivas.

De acordo com Galves (2001, p.148), apesar de a ênclise no Português do Brasil (PB) ser um fenômeno marginal, o *SE* indeterminador apresenta uma forte tendência a aparecer em ênclise, principalmente em fórmulas, como receitas culinárias ou no discurso pedagógico. A partir dessa propriedade do *SE* indeterminador enclítico, a autora aventa a possibilidade de que esse clítico, nestas circunstâncias, pode receber uma análise diferenciada dos demais clíticos no PB (cuja próclise tende a ser generalizada), podendo ser interpretado como um morfema inserido diretamente no verbo.

A partir dessa perspectiva, como já dito, buscou-se na elaboração do projeto investigar qual a interpretação atribuída pelos falantes florianopolitanos ao *clítico se* quando enclítico e quando proclítico em construções com verbos transitivos diretos, conforme (1), (2) e (3), a seguir. Nossa hipótese geral, norteadas pelo pressuposto teórico de que o *SE* proclítico e o *SE* enclítico possuem propriedades morfossintáticas distintas, é a de que, enquanto este está associado a estruturas de indeterminação, aquele está associado a estruturas reflexivas.

- (1) a. Matou-se o Joãob. Se matou o Joãoc. O João se matou
 (2) a. Se feriu a Mariab. Feriu-se a Mariac. A Maria se feriu
 (3) a. Penteou-se a meninab. A menina se penteouc. Se penteou a menina

A amostra aqui analisada se constitui, nessa perspectiva, de respostas interpretativas de falantes florianopolitanos em relação à função (de indeterminação ou reflexiva) do clítico *SE* atrelada a sua posição na estrutura¹⁰. É importante salientar que consideramos apenas as interpretações das estruturas cuja resposta era imediata por parte dos falantes, de modo a atenuar a influência do questionário (e do entrevistador) em relação à interpretação da função do clítico *SE* nas estruturas supracitadas.

Na seqüência, os dados foram categorizados de acordo com a metodologia da teoria da variação e mudança¹¹ e submetidos ao sistema logístico VARBRUL (cf. PINTZUK 1988). A nossa análise levará em conta apenas a frequência de uso das variantes analisadas correlacionadas às variáveis lingüísticas e sociais observadas, oferecida pelo aplicativo *Mekecell* do pacote estatístico VARBRUL.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com o objetivo de mapear a função que o falante atribui às construções transitivas com *SE* ora enclítico e ora proclítico bem como correlacionar tais funções a outras variáveis, organizamos os dados como uma variável complexa que agrega forma e função, com as seguintes variantes: (i) *SE enclítico Indeterminador*; (ii) *SE enclítico Reflexivo*; (iii) *SE proclítico Indeterminador* e (iv) *SE proclítico Reflexivo*¹². A fim de delinear as possíveis correlações entre a interpretação de cada uma dessas variantes e variáveis lingüísticas e sociais, controlamos os seguintes grupos de fatores: *verbo da estrutura*; *idade (dimensão diageracional)*; *escolaridade (dimensão diastrática)* e *localidade (dimensão diatópica)*.

A distribuição geral dos dados pode ser observada na *tabela 1*, a seguir, na forma de resultados cruzados. Das 208 sentenças analisadas, 68 são de sentenças com *SE* enclítico e 140 são de sentenças com *SE* proclítico, como exemplificam (4) e (5), respectivamente. Observem-se os resultados. De um lado, enquanto em 57 das 68 sentenças analisadas com ênclise (84%) a função

¹⁰ Exemplos dos dados analisados podem ser observados nas transcrições em (4), (5), (6) e (7) na próxima seção.

¹¹ Remeto a Mollica & Braga (2004) para uma descrição dos procedimentos metodológicos pertinentes a uma análise variacionista.

¹² Essa concepção de variável expande sobremaneira o conceito inicialmente proposto por Labov (1972, 1982), uma vez que buscamos observar a variação no uso de uma forma específica correlacionada a uma função.

atribuída ao clítico *SE* é a de Indeterminador, em 11 sentenças (16%) *SE* é interpretado como Reflexivo. De outro lado, das 140 sentenças com próclise analisadas, em 20 sentenças (14%) o clítico *SE* é interpretado como Indeterminador e em 120 sentenças (86%) como Reflexivo.

	Indeterminado	Reflexivo	Total
<i>SE</i> enclítico	57/68 84%	11/68 16%	68 140
<i>SE</i> proclítico	20/140 14%	120/140 86%	208

Tabela 1: Distribuição geral das interpretações de *SE* enclítico e de *SE* proclítico em Florianópolis

(4) *Entrevistador*– *Então, a senhora me diz como que o João morreu, tá? Eu vou falar devagar cada frase. Matou-se o João.*

Informante – *Ele foi morto.*

(5) *E* – *Ok. Se matou o João.*

I – *Ele se matou.*

Estreito – 52 anos, Feminino, Séries Iniciais.

Temos, no trecho acima, duas interpretações diferentes para as construções sublinhadas: na primeira o sujeito é visto como indeterminado e na segunda, não; a indeterminação e a reflexividade são, então, atribuídas à posição do *SE* face ao verbo.

De um modo geral, os resultados apresentados parecem confirmar a nossa hipótese inicial, ou seja, *SE* quando enclítico parece estar correlacionado a construções de indeterminação e quando proclítico a construções reflexivas.

No que tange à correlação entre a variável linguística *verbo da estrutura* e a função reflexiva ou de indeterminação atribuída pelos falantes florianopolitanos ao clítico *SE*, observamos, de acordo com os resultados da *tabela 2*, a seguir, que o verbo *matar* parece ser um contexto linguístico favorecedor da interpretação de *SE* como indeterminador quando enclítico. Como exemplifica o trecho da entrevista transcrito em (6), é nas construções com o verbo *matar* que o falante parece perceber com mais clareza a função (reflexiva ou de indeterminação) do clítico na estrutura. A interpretação de *SE* como reflexivo, por sua vez, apresenta sempre um percentual mais alto quando este se encontra enclítico aos três verbos observados: *matar* (96%), *pentear* (92%) e *ferir* (86%).

	Indeterminador			Reflexivo		
	SE enclítico	SE proclítico	Total	SE enclítico	SE proclítico	Total
<i>Matar</i>	24/28 86%	4/28 14%	28	2/51 4%	49/51 96%	51
<i>Pentear</i>	20/31 65%	11/31 35%	31	3/38 8%	35/38 92%	38
<i>Ferir</i>	13/18 72%	5/18 32%	18	6/42 14%	36/42 86%	42
	57	20	77	11	120	131

Tabela 2: Interpretações atribuídas ao uso enclítico/proclítico de *SE* segundo o verbo da estrutura

(6) *E – O que você entende disso que eu vou te dizer agora, ok?*
Matou-se o João.

I – Matou-se o João. Tá. Eu entendo que alguém matou o João.

E – Ok. Agora alguém diz: Se matou o João.

I – Então ele se suicidou, né?

E – O João se matou.

I – A mesma coisa.

E – A mesma coisa...

I – Ele se matou.

E – Ok. Agora tu conheces a Maria, certo? E alguém chega aqui e te diz: Se feriu a Maria.

I – Se feriu a Maria. Aí eu vou entender que a Maria se machucou sozinha. Ela com alguma coisa...

E – Feriu-se a Maria.

I – Aí... Pra mim é ambígua, né?

E – Por quê?

I – Calma que essa aí tem que pensar um pouco.

I – Pode dizer que alguém feriu a Maria ou a Maria se feriu.

E – e A Maria se feriu.

I – Aí está bem especificado que ela se machucou sozinha.

E – Ok. Agora tem uma menina. Vai ter uma festa e alguém te diz assim: Penteou-se a menina.

I – Alguém penteou.

E – A menina se penteou.

I – Então [tá]- que ela se penteou sozinha.

E – E agora Se penteou a menina

I – Aí também pode ser ambígua, na minha concepção, que alguém a penteou ou que ela se penteou sozinha.

Ponta das Canas – 23 anos, Masculino, Ensino Superior em curso.

Em relação às variáveis sociais, de um modo geral, observa-se na amostra que falantes mais novos e com mais escolaridade parecem ter mais facilidade para “compreender as regras do questionário” e, conseqüentemente, as respostas são mais automáticas, delineando, desse modo, com mais clareza a tendência geral dos resultados.

Observamos na *tabela 3* que falantes de 15 a 25 anos atribuem com mais freqüência uma interpretação de indeterminação ao *SE* quando enclítico (86%) em relação aos falantes de 40 a 60 anos (69%). Mais uma vez, como evidenciam os resultados, a interpretação de *SE* quando proclítico parece não estar correlacionada à idade, com percentuais na média de 94% e 92%.

Em relação às correlações entre as interpretações atribuídas ao *SE* enclítico ou proclítico e o grau de escolaridade dos informantes, como mostram os resultados da *tabela 4*, a seguir, observamos que, apesar de os percentuais apontarem para os resultados gerais do estudo, a escolaridade não parece ser um contexto social significativo para a interpretação do clítico. Muito embora informantes com mais escolaridade atribuam com mais freqüência uma interpretação de indeterminação ao *SE* enclítico (76%).

	<i>Indeterminador</i>			<i>Reflexivo</i>		
	<i>SE</i> enclítico	<i>SE</i> proclítico	Total	<i>SE</i> enclítico	<i>SE</i> proclítico	Total
<i>De 15 a 25 anos</i>	24/29 86%	5/29 14%	29	4/65 6%	61/65 94%	65
<i>De 40 a 60 anos</i>	33/48 69%	15/48 31%	48	7/66 8%	59/66 92%	66
	57	20	77	11	120	131

Tabela 3: Interpretações atribuídas ao uso enclítico/proclítico de *SE* segundo a *idade*

	<i>Indeterminador</i>			<i>Reflexivo</i>		
	<i>SE</i> enclítico	<i>SE</i> proclítico	Total	<i>SE</i> enclítico	<i>SE</i> proclítico	Total
GI: 3° e 4° ciclos do Ensino Fundamental (EF)GII: 1°, 2° ciclos do EF	20/28 71%	8/28 29%	28	6/55 11%	49/55 89%	55
GI: nível superior GII: 3° e 4° ciclos do EF ou Ensino Médio (EM)	37/49 76%	12/49 24%	48	5/76 7%	71/76 93%	76
	57	20	77	11	120	131

Tabela 4: Interpretações atribuídas ao uso enclítico/proclítico de *SE* segundo a escolaridade

Os trechos da entrevista transcritos em (7) e (8), relevantes para a discussão, parecem corroborar os resultados das *tabelas 3 e 4* acerca das correlações entre a interpretação atribuída ao clítico *SE* e as variáveis *idade* e *escolaridade*. De um modo geral, informantes mais novos e com mais escolaridade tendem a compreender com mais facilidade “as regras do jogo” e interpretar com mais certeza e exatidão as sentenças do questionário. Observe-se (7) e as respostas imediatas às sentenças com o clítico. Em (8), no entanto, a informante com mais idade e baixa escolaridade até chega a interpretar a sentença, mas, o exercício do entrevistador para que a resposta fosse, finalmente, obtida foi bastante grande. Dados como (8) não foram computados em nossa análise, uma vez que a resposta do informante aparece a partir de certa interferência do entrevistador, fato este que distanciaria o dado obtido do vernáculo do falante¹³.

(7) *E – Agora você me diz como que o João morreu, ta? Matou-se o João.*

I – Deram uma facada no João

E – Ok. Se matou o João.

I – Um tiro na cabeça.

E – Alguém deu um tiro ou...

I – Ele deu um tiro na cabeça dele.

E – Ele deu um tiro. O João se matou.

I – O João deu um tiro na cabeça.

E – Ok. Boa. Agora sobre quem penteou a menina, ta? Penteou-se a menina.

I – Alguém penteou a menina.

E – Ok. A menina se penteou.

I – Ela estava em casa e penteou o cabelo. Ela sozinha.

E – Ok. Se penteou a menina.

I – A menina se penteou sozinha também.

Ribeirão da Ilha – 25 anos, Masculino, Ensino Superior em curso.

(8) *E – Chega alguém aqui e lhe diz algo e eu gostaria de saber o que a senhora entende disso que ele esta dizendo, ok? Matou-se o João.*

I – Coitado! Né? Às vezes a gente tem essa expressão, né? [que]- a pouco eu tinha visto ele [e]- [ou]-...

E – Mas como que ele morreu, daí? Matou-se o João. Mas daí a

¹³ Muito embora seja necessário considerar que a REAL definição do vernáculo é, antes, uma abstração (ver MILROY; GORDON, 2003).

senhora vai pensar o que? Que ele se matou, ele cometeu suicídio, ou foi alguém que matou...

I – Foi alguém é...

E – O que a senhora vai entender?

I – Vou perguntar: Como?

E – E daí... Matou-se o João, o que a senhora entende? Que alguém matou ele ou...

I – Que alguém matou ele. Matou. Coitado, né? Porque geralmente quando a [pessoa]- O João se matou; O Pedro se matou; de repente matou-se é porque foi alguém que matou, acho.

Inglês – 55 anos, Feminino, segunda série do Ensino Fundamental.

Em relação aos pontos geográficos observados na grande Florianópolis (o que inclui a ilha e parte do continente), os resultados percentuais, apesar de refletirem também o fato de que quando enclítico o *SE* está associado a uma função de indeterminação e quando proclítico a uma função reflexiva, não se mostraram significativos no que se refere à interpretação da função do clítico *SE* nas estruturas analisadas.

CONCLUSÕES

Em primeiro lugar, em relação ao processo de constituição do *Projeto Piloto Variação (Sócio-Geo) Lingüística em Florianópolis*, se faz necessário enfatizar que são inegáveis as contribuições pessoais, intelectuais e metodológicas, enquanto pesquisador e um profissional da linguagem, que o trabalho de campo proporciona. Além destas contribuições, e da experiência adquirida por cada aluno-pesquisador, constituiu-se um banco de dados de língua falada no município de Florianópolis que poderá ser utilizado futuramente para análise de outros fenômenos.

O estudo da variação lingüística, assim como a formação de um banco de dados que contemple a língua falada (e, conseqüentemente, a heterogeneidade das línguas naturais), sob um olhar com fins casamenteiros entre os pressupostos da dialetologia e da teoria da variação e mudança é algo profícuo. No entanto, (como em todo casamento) se faz necessário desconsiderar alguns aspectos ora de um e ora de outro modelo, o que, por sua vez, permitirá um olhar mais acurado acerca de descrições e, sobretudo, de explicações sobre os estudos variacionistas.

No que tange às construções com *SE* enclítico e proclítico na amostra analisada, de um modo geral, os resultados obtidos nas entrevistas realizadas trazem contribuições empíricas bastante significativas. A intuição dos falantes, nesse sentido, testada a partir das interpretações atribuídas às sentenças do

questionário, corrobora a análise teórica aventada por Martins (2005) de que *SE* quando enclítico está associado a uma construção de indeterminação (formando um todo morfológico amalgamado ao verbo da estrutura, seguindo a análise de Costa & Martins (2003)) e quando proclítico a uma construção reflexiva. Em outras palavras, observa-se nos dados analisados que o *SE* enclítico e proclítico parecem ser realidades morfossintáticas distintas.

Observamos ainda que as interpretações atribuídas pelos informantes florianopolitanos aos *SE* ora enclítico e ora proclítico parecem estar correlacionadas ao verbo da estrutura, de modo que em construções com o verbo *matar*, quando enclítico, *SE* é preferencialmente interpretado como indeterminador e quando proclítico como reflexivo. Esse resultado geral parece ser aquele corroborado também pelas interpretações atribuídas pelos informantes mais jovens e com mais escolaridade.

É importante reter o fato de que, a partir da tabela 2, se observa claramente que a interpretação do ***SE reflexivo*** está mais polarizada: em torno de 90% associada à próclise (o percentual cai um pouco com o verbo *ferir*). Já a interpretação do ***SE indeterminado*** sofre mais flutuação: em torno de 70% associada à ênclise (o percentual sobe nos mais jovens). Tais resultados podem ser indícios de uma possível mudança em curso, ou seja, a correlação próclise/reflexivo está mais bem estabelecida (especialmente com o item verbal *matar*) do que a correlação ênclise/indeterminado.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo Wilson (2002). Áreas lingüísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias lingüísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino. **Varição e mudança no português falado da região Sul**. Pelotas: Educat, p.115-145.
- AMARAL, Luís Centeno do (2003) **A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais**. Porto Alegre: UFRGS. Tese (Doutorado em Letras).
- CARSOSO, Suzana A. M.; MOTA, Jacyra A (2003) Um passo da geolingüística brasileira: o projeto AliB. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). **Português Braileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, p.39-49.
- CHAMBERS, Jack K. Networks (1995). In: **Sociolinguistic theory**. Oxford: Blackwell, p. 66-84.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P (1980) **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press.
- COSERIU, E (1982) **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas.

- COSTA, João; MARTINS, Ana Maria (2003) **Clitic placement across grammar components**. Groing Romance, November, Nijmegen University.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana (1994). **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto.
- GALVES, Charlotte (2001). **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- GUY, Gregory (2000) Identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação lingüística. **Organon**, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28 e 29, p. 17-32.
- _____ (2001) As comunidades de fala: fronteira internas e externas. **Abralim**, 2001.
- LABOV, William (1972). **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- _____ (1978). **Field methods used by the project on linguistic change & variation**. Philadelphia: University of Pennsylvania.
- MARGOTTI, Felício Wessling (2004). **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano o sul do Brasil**. Porto Alegre: UFRGS. Tese de Doutorado.
- MARGOTTI, Felício Wessling; MARTINS, Marco Antonio; MONGUILHOTT, Isabel & ROST, Cláudia (2006) **Criação de banco de dados sócio/geolingüísticos: uma experiência em curso**. Anais da XXI Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos. Idéia: João Pessoa.
- MARTINS, Marco Antonio (2004) Sobre o *se* indeterminador no Português do Brasil: uma proposta morfológica. **Working Papers em Lingüística**. Número 7 Florianópolis: CPGLg, p. 41-58.
- _____ (2005) **Entre estrutura, variação e mudança: uma análise sincrônica das construções com -se indeterminador no Português do Brasil**. Florianópolis: UFSC, 2005. Dissertação de Mestrado.
- MILROY, Lesley (2004). Social networks. In: J. K. Chambers; P. Trudgill; N. Schilling-Estes (eds.). **The Handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, p. 549-569.
- MILROY, Lesley; GORDON, Matthew (2003) **Sociolinguistics: method and interpretation**. Oxford: Blackwell.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.) **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto. 2004.
- PATRICK, Peter L (2002) The speech community. In: J. K. Chambers; P. Trudgill & N. Schilling-Estes (eds.) **The handbook of language variation and change**. Oxford UK: Blackwell, p. 573-593.
- PINTZUK, S. **VARBRUL Program**. Philadelphia: University of Pennsylvania. 1988.
- WARDHAUGH, Ronald (2002) Speech communities. In: **An introduction to sociolinguistics**. 4a. ed. UK: Blackwell, p. 116-129.